

MANFREDO DE SOUZANETTO
OLHE BEM AS MONTANHAS, STICKER, 1974.

OLHE BEM AS MONTANHAS...

Sobre os artistas e as imagens

Foram convidados para compor visualmente este número da *Revista da UFMG*, que tem como tema “Desastres”, artistas cujas obras representam comentários aos desastres ecológicos que vêm acontecendo nas últimas décadas em Minas Gerais. Entre estes desastres e suas consequências podem ser citadas a exploração do minério de ferro na Serra do Curral, o rompimento de barragens, a exemplo da tragédia em Mariana (2013) e em Brumadinho (2019), além da degradação de peças do patrimônio cultural, como os *Profetas* de Aleijadinho em Congonhas do Campo.

Essas imagens criam uma narrativa visual paralela aos artigos da *Revista*, ao mesmo tempo que estabelecem um diálogo com esses textos, enriquecendo assim a discussão em torno do tema dos desastres.

O artista visual Manfredo de Souza Netto atua, desde os anos 1970, em prol da preservação do meio ambiente. Trabalha com desenho, pintura, objetos, cerâmica e intervenção urbana. Vive no Rio de Janeiro e participa de exposições no Brasil e no exterior.

Ele contribui com obras como o *sticker Olhe bem as montanhas*, realizado em 1974, que costumava ser visto nas ruas das cidades, colado no vidro de trás de veículos que circulavam, levando aquela mensagem e chamando nossa atenção para a exploração do minério de ferro nas montanhas próximas a Belo Horizonte, já prenunciando os desastres que viriam a acontecer nas décadas seguintes. Também com a série *Réquiem para a Serra do Curral*, de 1980, ele continua sua luta pela preservação do meio ambiente.

A obra de Manfredo é, de certa forma, retomada por Rodrigo Amaral, artista visual e escrevente notarial. Concluindo sua graduação em Artes Visuais na UFMG, produz na litografia, no *off-set* e na gravura digital, obras que se apropriam das palavras e grafias originadas de escrituras arquivadas no cartório de notas onde trabalha, em Belo Horizonte, ressignificando-as em texturas, formas e imagens.

A obra *Testamento da Serra do Curral* é composta por uma série de postais produzidos em 2019, a partir de litografias e impressões *off-set* do artista. Ao todo, são quatro conjuntos quase idênticos de oito postais, cada, variando apenas na cor do papel de cada conjunto, totalizando 32 peças intercambiáveis que, justapostas tal como num quebra-cabeças, compõem parte do perfil da Serra do Curral, tal como visto da Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte.

Rodrigo comenta a obra dizendo que “a imagem da serra dividida em pedaços fala sobre a mineração que ela vem sofrendo”. Ao fundo, o artista imprimiu fragmentos da página de uma escritura de testamento do século passado, que faz parte dos arquivos do cartório, sugerindo, assim, “que a própria Serra do Curral, diante da sua inexorável destruição, estaria legando seus bens (sua vista, sua natureza, seu ecossistema) à cidade e seus habitantes”.

Adriana Penido é artista visual, doutora em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG. Ela vive e trabalha em Nova Lima, MG e desde 1998 dedica-se à produção e pesquisas sobre as relações entre palavras e imagens em bibliotecas e livros de artista, além de instalações.

Biblioteca da (r)esistência é o título da instalação apresentada por Adriana na exposição Polímatas realizada no saguão da Reitoria da UFMG, no ano de 2019, e que está contribuindo para compor a narrativa imagética da *Revista*. Nas palavras da artista

“a obra é constituída por três momentos: livros cobertos de lama dispostos em uma prateleira com um dicionário aberto em uma das extremidades. Na página aberta, também coberta de lama, o único verbete legível é (r)esistência. Revirados no chão, outros livros enlameados e deixados à própria sorte. Dependurado no teto, um livro voador, sem mácula, intacto, como uma testemunha oculta do caos humano, ético e planetário. A obra é uma crítica direta ao rompimento das barragens da *Vale* nos anos de 2013 e 2019, com um rastro de destruição profunda, um apagamento, o caos. A obra é também um convite ao inconformismo, ao ativismo, à resistência”.

Natural de Ouro Preto, Roberto Sussuca é considerado um artista experimentalista, que desde a juventude dedica sua vida à arte, expressa através de desenhos, pinturas, gravuras, esculturas e objetos. Foi um dos primeiros artistas a fazer instalações em Minas Gerais, desde os anos de 1970.

Algumas obras que fizeram parte da instalação *Lama*, apresentada na Casa dos Contos de Ouro Preto, em outubro e novembro de 2019, estão presentes na Revista. *Lama* evidencia os impactos causados pelo rompimento das barragens de minério de ferro nos municípios de Mariana (2013) e Brumadinho (2019). A mostra contou com um conjunto de 50 obras, representando cenas referentes às tragédias, que são pintadas com tintas cor de terra, resultantes da pesquisa do artista com pigmentos naturais provenientes das jazidas de minério de ferro da região.

Thiago Amoreira, natural de Pitangui, MG, é bacharel em Artes Visuais (Desenho), com formação complementar em Artes Digitais, pela Escola de Belas Artes da UFMG. Foi um dos oito residentes na Casa Fiat de Cultura (BH), onde desenvolveu trabalho baseado em realidade virtual e realidade aumentada, temas que vem pesquisando.

Em *Paisagem mineirada*, Thiago apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a paisagem, ancorada, simultaneamente, na documentação de cenas, na exploração cognitiva dos espaços físicos e na desconstrução do espaço-tempo através do uso de técnicas da fotogrametria, do *design* gráfico e da computação. A produção e a reflexão do artista resultam em trabalhos que observam e comentam criticamente as realidades sociais e políticas do mundo contemporâneo. As obras mostradas na Revista são páginas pertencentes a um livro de artista exposto no Saguão da Reitoria da UFMG, durante o *Circuito Polímatas* (2019).

Nas páginas do livro, paisagens virtuais criadas a partir do registro visual e numérico de cenas do mundo concreto operam um registro do mundo ao mesmo tempo em que funcionam como simulações de um mundo potencial. Textos se tornam elementos constitutivos da paisagem e nessa relação entre palavra e imagem, a dimensão virtual das paisagens é reforçada, com uma narrativa textual sobreposta à própria cena, tornando-se elemento visual dessa paisagem.

Aline Xavier Mineiro, natural de Belo Horizonte, MG, é especialista em Arte Contemporânea pela PUC e Inhotim e bacharel em Comunicação Social pela UFMG. Sua prática artística responde a questões sociais e políticas dos tempos atuais.

Haroon Gunn-Salie, nascido na África do Sul, é graduado na Michaelis School of Fine Arts da UCT (University of Cape Town). Artista e ativista, Haroon acredita que a arte tem o potencial de efetivar mudanças reais na sociedade.

A série *Agridoce*, uma colaboração entre Aline e Haroon, foi iniciada em 2015, respondendo à grave catástrofe socioambiental que assolou Minas Gerais, provocada com o rompimento de uma barragem de rejeitos de uma mineradora na cidade de Mariana.

Em *Profecia*, os artistas lançam seu olhar sobre Congonhas do Campo, outra cidade mineira que, além de viver sob o constante risco de rompimento de uma barragem de rejeitos, convive todos os dias com as consequências da mineração, através da erosão provocada pela poeira e pelas chuvas ácidas. Os *Doze Profetas*, esculturas em pedra sabão de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, abrigadas no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, Patrimônio Mundial pela UNESCO, têm sido atingidos por essa erosão, que vem provocando sua desfiguração. Os *Profetas* são trazidos pelos artistas para compor a narrativa visual neste número da revista.

Maria do Carmo de Freitas Veneroso

About the artists and the images

Artists whose works comment on the ecological disasters that have occurred in recent decades in Minas Gerais were invited to visually compose this thematic issue of *Revista da UFMG* on “Disasters.” Among these events and its consequences, the exploitation of iron ore at Serra do Curral in Belo Horizonte, the collapse of dams, such as the tragedy in Mariana (2013) and in Brumadinho (2019), in addition to the degradation of cultural heritage assets, such as *Prophets* by Aleijadinho in Congonhas do Campo can be cited.

These images create a parallel visual narrative to the articles presented in this issue, while establishing a dialogue with them, thus enriching the debate on the theme.

The visual artist Manfredo de Souza Netto has advocated in favor of environmental preservation since the 1970s. His works involve drawing, painting, objects, ceramics and urban intervention. He lives in Rio de Janeiro and participates in exhibitions in Brazil and abroad.

He contributes with works such as the 1974 *look at the mountains sticker*, which used to be seen on city streets, pasted on the rear windows of vehicles that circulates, carrying that message and calling our attention to the exploitation of iron ore in the mountains near Belo Horizonte, already foreshadowing the disasters that would happen in the following decades. Also with the series *Requiem for Serra do Curral*, from 1980, he continues his fight for the preservation of the environment.

Manfredo’s work is, somehow, resumed by Rodrigo Amaral, visual artist and clerk at a notary’s office. Graduated in Visual Arts at UFMG, he produces works in lithography, off-set and digital engraving, using words and spellings from writings originated at the notary office where he works, in Belo Horizonte, resignifying them into textures, shapes and images.

The work *Testament of Serra do Curral* is composed of a series of postcards produced in 2019, based on lithographies and off-set prints by the artist. Altogether, there are four almost identical sets of eight postcards, each of them varying only on each set’s paper color, totaling 32 interchangeable pieces that, juxtaposed such as in a puzzle, make up part of the profile of Serra do Curral, as seen from Avenida Afonso Pena, in Belo Horizonte.

Rodrigo comments on this work saying that “the image of the hills divided into pieces speaks about the mining process it has been subjected to”. In the background,

the artist printed fragments of the page of a will deed from the last century, which is part of the notary's office archives, thus suggesting "that Serra do Curral itself, in the face of its inexorable destruction, would be bequeathing its assets (its view, its nature, its ecosystem) to the city and its inhabitants".

Adriana Penido is a visual artist, PhD in Arts at the School of Fine Arts at UFMG. She lives and works in Nova Lima, MG and since 1998 has dedicated herself to research and production on the relationships between words and images in libraries and artists books, as well as installations.

Library of (r)esistance is the title of the installation presented by Adriana in the exhibition Polímatas held at UFMG Rectory Hall in 2019, which contributes to make up the imagery narrative of this issue. In the artist's words, "the work consists of three moments: mud-covered books arranged on a shelf with an open dictionary at one end. On the open page, also covered by mud, the only readable entry is (r)esistance. Overturned on the floor, other muddy books are left to their own fate. Hanging from the ceiling, a flying book, spotless, intact, like a hidden witness to human, ethical and planetary chaos. The work is a direct criticism of the collapse of Vale Mining Company's dams in 2013 and 2019, with a trail of deep destruction, an erasure, the chaos. The work is also an invitation to non-conformism, to activism, to resistance".

Born in Ouro Preto, Roberto Sussuca is considered an experimental artist who, since his youth, has dedicated his life to art, expressed through drawings, paintings, prints, sculptures and objects. He was one of the first artists to make installations in Minas Gerais, since the 1970s.

Some works that were part of the Lama (Mud) installation, presented at Casa dos Contos in Ouro Preto, in October and November 2019, are present in this issue. Lama highlights the impacts caused by the collapse of iron ore dams in the municipalities of Mariana (2013) and Brumadinho (2019). The exhibition featured a set of 50 works, representing scenes referring to the tragedies, which are painted with earth-colored paints, resulting from the artist's research on natural pigments from the region's iron ore deposits.

Thiago Amoreira, born in Pitangui, MG, holds a bachelor's degree in Visual Arts (Drawing), with additional training in Digital Arts, from the School of Fine Arts at UFMG. He was one of eight residents at Casa Fiat de Cultura in Belo Horizonte, where he developed work based on virtual and augmented reality, themes he has been researching on.

In *Paisagem Mineirada* (Mined Landscape), Thiago presents the results of a research on landscape, anchored, simultaneously, in the documentation of scenes, in the cognitive exploration of physical spaces, and in the deconstruction of space-time relationships through the use of photogrammetry, graphic design and computing. The artist's production and reflection result in works that critically observe and comment on the social and political realities of the contemporary world. The works shown in this issue are pages belonging to an artist's book exhibited at the UFMG Rectory Hall, during the Polímatas Circuit (2019).

In the book's pages, virtual landscapes created from the visual and numerical record of scenes from the concrete world operate a register of the world at the same time that they function as simulations of a potential world. Texts become constitutive elements of the landscape, and in this relationship between word and image, the virtual dimension of landscapes is reinforced, with a textual narrative superimposed on the scene itself, becoming a visual element of this landscape.

Aline Xavier Mineiro, born in Belo Horizonte, is a specialist in Contemporary Art from Pontifical Catholic University - PUC and Inhotim Institute in Minas Gerais and holds a bachelor's degree in Social Communication from UFMG. His artistic practice responds to social and political issues of current times.

Haroon Gunn-Salie, born in South Africa, is a graduate of the UCT's Michaelis School of Fine Arts (University of Cape Town). Artist and activist, Haroon believes that art has the potential to produce real changes in society.

The *Agridoce* series, a collaboration between Aline and Haroon, started in 2015, responding to the serious socio-environmental catastrophe that hit Minas Gerais, caused by a mining company's tailings dam failure in the city of Mariana.

In *Prophecy*, the artists cast their gaze on Congonhas do Campo, another city in Minas Gerais that, in addition to living under the constant risk of a tailings dam failure, lives every day with the consequences of mining, through erosion caused by dust and acid rain. The *Twelve Prophets*, soapstone sculptures by Antônio Francisco Lisboa, the *Aleijadinho*, housed in the Bom Jesus de Matosinhos Sanctuary, a UNESCO World Heritage Site, have been affected by this erosion, which has been causing their disfigurement. The *Prophets* are brought in by artists to compose the visual narrative in this issue of *Revista da UFMG*.

Maria do Carmo de Freitas Veneroso